

Como a literatura chega às jovens. França, primeira metade do século XIX

*Gabrielle Houbre**

Na França da primeira metade do século XIX, a aristocracia e a burguesia estão às voltas com as múltiplas influências do romantismo. Ora, a cultura romântica, que valoriza a ordem emocional em relação à ordem racional, é suscetível, a seus olhos, de bloquear certos mecanismos sociais fundamentais, a exemplo das estratégias matrimoniais: é só uma moça teimar em querer esposar o tão sonhado príncipe de suas leituras romanescas, para se tornar difícil aceitar e concluir as alianças de parentesco, avaliadas em termos de riqueza e prestígio. Convém, assim, interessar-se pelos usos que a literatura reivindica para as jovens — em particular em sua educação sentimental —, pelos usos que a sociedade supõe serem os delas e a elas recusa, com repulsa, bem como por aqueles que, prosaicamente, a elas destina.

A educação das jovens: a pedagogia da ignorância

A finalidade da educação das moças é o casamento e a maternidade. Não existe, por assim dizer, escapatória para esse duplo papel social de esposa e mãe, quando se trata das jovens da alta sociedade [*bonne société*], num

* Historiadora, professora do Departamento de História da Universidade Paris 7 — Denis — Diderot. Membro do Comité de Redação da “Clio — Histoire Femmes et Sociétés”.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 9, pp. 11-27.

período em que o exercício de uma profissão significa desqualificação social. Será preciso esperar o último quartel do século XIX, as leis republicanas sobre o ensino secundário das jovens e sua entrada no mundo universitário, para se ver progressivamente impostas as possibilidades de futuro profissional.

Por ora, essa educação se desenrola principalmente sob a dupla tutela da mãe, que age no seio da família, e da Igreja católica, por meio do confessor encarregado ou das irmãs, que asseguram a instrução em certos conventos ou pensionatos. Em suma, a educação moral tem a primazia, em detrimento da aquisição de conhecimento, que permanece sumária para as meninas, se comparada àquela destinada aos meninos. Trata-se, antes de tudo, de nelas edificar a atitude e o sentimento de inocência, ambos moldados a partir da “ignorância dos prazeres do amor”.¹ À essa inocência acrescentam-se a castidade, o pudor e a pureza, para atingir o ideal católico da virgindade. O fator religioso, com efeito, influi consideravelmente sobre as qualidades inerentes ao estado de donzela, quase sempre percebido dentro de um halo espiritual: “nada oferece tanto a meus olhos a imagem da Divindade quanto essa pureza angelical, esse pudor celeste, essa inocência cândida, companheiros inseparáveis de uma jovem virtuosa e bem-educada”, maravilha-se, por exemplo, Henri Duval, em seus *Conseils aux mères de famille*.²

E é verdade que uma das leis sociais mais respeitadas no século XIX é aquela que confina a menina a um universo asséptico, distante de qualquer referência corporal ou sexual. Contrariamente ao que se passa quanto aos meninos, não se trata de transigir com a “inocência” de um sexo que se angeliza o quanto se queira.³ E quando uma jovem tem a ousadia de conversar com alguma familiaridade, ela é imediatamente desacreditada, tanto aos olhos da sociedade, quanto aos de suas companheiras. Uma jovem que só conhecemos pelas iniciais Z.B., por exemplo, julga com severidade as ousadias de sua amiga Claire, em uma página de seu *Diário íntimo*: “ela é perigosa, sua conversação é de uma precocidade espantosa para jovens cabeças admiravel-

¹ *Dictionnaire des sciences médicales*, Paris, 1812-1822, 60 vol., t. 46, verbetes “pudor” e “pudicícia” [“pudeur” e “pudicité”].

² Henri Duval, *Conseils aux mères de famille*, Paris, 1840, p. 8. Ver também Gabrielle Houbre, *La discipline de l'amour. L'éducation sentimentale des filles et des garçons à l'âge du romantisme*, Paris, 1997, capítulos 4 e 6.

³ Ver Arthur Chimkovitch, *Jocelyn et la Chute d'un ange: contribution à l'étude de la notion d'“ange” dans la littérature du XIXe siècle*, dissertação de mestrado orientada por W. Smekens, Universidade de Gand, 1987.

mente cândidas e jovens imaginações notavelmente puras, às quais ela assusta e cujo véu de inocência levanta”.⁴

A observação de Z. B. é interessante, à medida que, ao enumerar a candura, a inocência e a pureza da imaginação como qualidades intrínsecas ao estado de donzela, ela assimila perfeitamente as preocupações obsessivas das elites sociais. Na tradição de Malebranche, para quem ela é essa “louca da casa” (*De la recherche de la vérité*, 1674-1712), a imaginação é, com efeito, fortemente reprovada por burgueses racionalistas, que não a vêem senão como uma representação truncada do real: “ela nos engana quanto ao valor real das coisas, falseia inteiramente nosso juízo, lança nosso espírito nos domínios do vago e leva-nos aos atos mais desarrazoados”, previne o doutor Descuret.⁵ Tenta-se, também, privar essa imaginação de todo alimento suscetível de aquecê-la, como a música romântica, o teatro romântico, as obras de arte etc. e, sobretudo, a literatura romanesca, percebida como o mais ameaçador flagelo.

Brado contra o romance

É justamente no romance, gênero literário considerado impróprio para a formação das moças — sobretudo quando de dominação romântica —, que se supõe que elas encontram alimento para uma imaginação que privilegia largamente o Amor, representado por seus cavaleiros a serviço das respectivas damas [*chevaliers servants*]. Honoré Daumier, o mais prestigiado litógrafo francês do século XIX, ilustrou perfeitamente essa questão com *Le roman*, peça pertencente a *L’Imagination*, seqüência de quinze litografias publicada em 1833 pelo célebre jornal *Le Charivari*.⁶ Vê-se aí uma jovem “romantizada”, isolada em um quadro natural (o parque da habitação da família?), a se entregar, de olhos semicerrados, aos devaneios sugeridos pela leitura do romance que tem nas mãos. No primeiro plano, sucedem-se situações amorosas passionais (duelo, declaração, rapto), nas quais ela se projeta, em companhia, sem dúvida, de um jovem conhecido seu: “Eles se batem em duelo por mim... Alfred me raptará... nós nos casaremos”, destaca o monólogo da legenda.

⁴ *Journal anonyme d’une jeune fille* (Z. B.), mercredi 8 et jeudi 9 juin 1842 (Paris, Bibliothèque historique de la ville de Paris, ms. 1040, ff. 23) Doravante BHVP.

⁵ Dr. Descuret, *La Médecine des passions*, Paris, 1841, p. 117.

⁶ Honoré Daumier, *L’Imagination*, seqüência de quinze peças com Ch. Ramelet para *Le Charivari*, 1833, arquivado na Bibliothèque Nationale de France, Cabinet des Estampes, doc.180b, t. 1. (Doravante BNF-CE).

É verdade que, mais do que em qualquer outra época, o romantismo defende uma pretensa aptidão para o devaneio, que seria desenvolvida pelas jovens. *Com o que sonham as jovens?*, pergunta-se Alfred de Musset, no título de sua primeira peça teatral (1832).⁷ A resposta está implícita: com o amor. É por isso também que Flaubert, entregue à preparação de *Emma Bovary*, lança-se aos romances ao estilo de Walter Scott, esperando que essa leitura lhe forneça a chave dos sonhos das jovens e permita-lhe apurar o romantismo de seu personagem fetiche: “há dois dias tento entrar nos sonhos das jovens”, escreve ele a Louise Colet, em 1852, acrescentando: “navego para isso nos oceanos leitosos da literatura de castelo, trovadores de barrete de veludo com plumas brancas”.⁸

O romance pode corromper a jovem, mergulhando-a em devaneios lânguidos ou exaltações febris; privando-a de sua inocência, faz-lhe perder a alma e põe em risco sua educação. Esse poder pernicioso do romance é um tema recorrente da literatura, mas igualmente, mais uma vez, da litografia. Em 1831, Frédéric Bouchot dá um exemplo disso com *Rêve d'une pensionnaire*,⁹ imagem organizada segundo uma divisão vertical em dois níveis. O inferior — “realista” — representa uma pensionista isolada em um quadro bucólico propício à leitura. O livro que ela tem nas mãos sem dúvida inspirou-lhe os pensamentos romanescos com os quais ela se deleita, afastando-se mil léguas do pensionato, vagamente relegado no plano de fundo direito. O nível superior — onírico — põe em cena suas quimeras de donzela: um rapto realizado rapidamente por um oficial hussardo auxiliado por um jovem laçai que com as mãos segura a escada, enquanto com os olhos cuida da caleche que deve levar o casal ilegítimo. Assim se evade a heroína, enquanto, na parte de baixo da imagem, um grupo de três outras jovens pontua essa fuga extraordinária, precipitando-se em direção à grade, para a qual aponta, como que para assinalar a violação do espaço fechado do pensionato, que naquele momento se está efetuando.

Em 1832, o mesmo Bouchot apresenta uma variante do tema, com *Mettez donc vos filles dans un pensionnat!*¹⁰ A transgressão é aqui suprema, por-

⁷ Em francês, *A quoi rêvent les jeunes filles?* [N. de T.]

⁸ Gustave Flaubert, Carta a Louise Colet, 3 mar. 1852, in *Correspondance*, Paris, 1973-1991, 3 vols., p. 56, t. 2.

⁹ Frédéric Bouchot, *Rêve d'une pensionnaire*, série de cinco pranchas publicada pela editora Aubert, em Paris, e pela Tilt, em Londres, em 1831, BNF-CE, doc. 177c.

¹⁰ Frédéric Bouchot, *Le voisinage*, série de nove pranchas, publicada pela editora Aubert em 1832, BNF-CE, tf. 37). Em português, “Ponha suas filhas num pensionato!” [N. de T.]

que o pensionato é um universo unissexuado, estritamente fechado a qualquer presença masculina: é também por intermédio de livros passados clandestinamente por um militar (com fama de viril e audaz, dotado de mobilidade decorrente de seu ofício, o militar se impõe como a figura-tipo do sedutor) que esse espaço feminino sofre a investida do outro sexo. Por seu gesto, esse estrategista introduz agentes auxiliares suscetíveis de insuflar nas jovens estouvadas sentimentos propícios à sua causa. Isso fazendo, ele aplica um dos conselhos proferidos por jocosos autores de códigos de amor, que preconizam os romances como arma decisiva na conquista de uma mulher. *L'art de faire la cour aux femmes et de s'en faire aimer* (1837) recomenda, assim, muito particularmente, a leitura de Ann Radcliffe, junto à de *Liaisons dangereuses*, dos *Egarements du cœur et de l'esprit*, das cartas pretensamente trocadas entre Petrarca e Laura, de *Manon Lescault*, de *Werther*, assim como de Mme. Cottin (*Claire d'Albe*), de Rousseau (*La Nouvelle Héloïse*) e das *Lettres d'Héloïse et d'Abélard*, que figuravam, todos os três, entre os mais vendidos do momento.¹¹ Do outro lado do muro, esperam duas pensionistas, extremamente impacientes por principiar uma leitura proibida pelos educadores e pelos moralistas, em razão de seu poder corruptor.¹² No *Curé de village* (1839), de Balzac, é *Paul et Virginie*, romance todavia casto e fraternal, que perverte o coração originalmente puro de Véronique Graslin. Mas Bouchot extrapola aqui consideravelmente. Se os meninos conseguem facilmente fazer circular em seus colégios obras proibidas, o mesmo não se dá com as meninas: “é impossível, num pensionato sério”, explica Françoise Mayeur, “introduzir um livro sem que as responsáveis o saibam, tudo é interceptado no retorno das pensionistas, domingo à tarde ou segunda-feira de manhã”.¹³

Em uníssonos, pedagogos e moralistas voltam o dedo para o “espírito romanesco”: todos julgam-no nocivo, pois ele pode afastar as jovens das realidades sentimentais que acompanham seu casamento (casamento por conveniência, que sela alianças entre duas famílias, e não casamento por inclinação, no qual o sentimento seria efetivamente levado em conta) e, portanto,

¹¹ *L'art de faire la cour aux femmes et de s'en faire aimer*, Paris, 1837, p. 107. Em português: A arte de fazer a corte às mulheres e de se fazer amar por elas [N. de T]. Ver também Martyn Lyons, “Les best-sellers”, *Histoire de l'édition française*, Paris, 1990, pp. 368–397, t. 3.

¹² Ver, por exemplo, Mme. Campan, *De l'éducation, suivi de conseils aux jeunes filles*, Paris, 1824, pp. 208 e seguintes, abade de Fontenailles, *Le Guide de la jeunesse chrétienne*, Paris, 1828, t. 2, p. 283 ou barão Mengin-Fondragon, *Lettres à ma fille*, Paris, 1843, p. 85.

¹³ Françoise Mayeur, *L'éducation des filles au 19^e siècle*, Paris, 1979, p. 66.

corre o risco de tornar este último mais delicado de ser aceito. Discurso que, por exemplo, Mme. Strohl, mulher de um negociante estrasburguês, repete em 1843 para a jovem Amélie Weiler, que se revela irritada em seu *Diário*, por já haver ouvido centenas de vezes que “nada era mais perigoso para uma jovem já exaltada do que a leitura de romances”. Didática, Mme. Strohl apóia sua demonstração no caso preciso de um romance que a seus olhos era errado ler, “pois o caráter do herói é tão nobre, tão elevado, que todos os maridos, junto a ele, são grosseiros”; a isso Amélie respondeu que, no que se referia a ela, sua “exaltação [a] punha ao abrigo de qualquer perigo”, que ela “a determinava mesmo a jamais [se] casar, pois um marido, por melhor que seja, nunca seria a realização de [seu] ideal”, o que não deve ter em nada tranqüilizado a boa Mme. Strohl.¹⁴

Pois esse descompasso é fatalmente fonte de infortúnios, à medida que afeta jovens que poderiam embriagar-se com os amores etéreos oferecidos por suas leituras e que, por conseguinte, teriam dificuldade de aceitar a fria materialidade de uma união calculada. Esses melodramas constituem uma trama narrativa privilegiada na primeira metade do século XIX, em particular sob a pena daquelas e daqueles que escrevem para moças, de Jean-Nicolas Bouilly à condessa de Bassanville. A ponto, também, de Théophile de Ferrière haver podido elaborar, sobre essa questão, uma teoria engenhosa e satírica em dois volumes, em sua obra intitulada *Les romans et le mariage* (1837), na qual apresenta uma heroína, dotada de grande “imaginação sonhadora”, de uma “alma entusiasta”, que formou “a idéia mais extravagante do mundo e da vida”, à força de ler as obras de Rousseau, de Mme. Staël e de Byron, e que se sente incompreendida. Ferrière interpreta a sensibilidade divagadora das mulheres vítimas da febre romanesca como sucedânea de um sentimento religioso que, fracassando em se desenvolver plenamente em uma sociedade em vias de descristianização, se transformaria em sensibilidade amorosa.¹⁵

A idéia de que a literatura romanesca era uma fonte potencial de desordem social, à medida que valorizava o amor — sentimento julgado subversivo pelos burgueses, mais do que pelos aristocratas, porque podia desviar as jovens de concluir os casamentos arranjados por suas famílias —, prevalece, portanto, na sociedade da monarquia censitária. Sente-se igualmen-

¹⁴ Amélie Weiler, *Journal d'une jeune fille mal dans son siècle 1840-1859*, domingo, 2 abr. 1843, Estrasburgo, 1994, pp. 109-110.

¹⁵ Ver Richard Bolster, *Stendhal, Balzac et le féminisme romantique*, Paris, 1970, pp. 33-34.

te o peso dessa corrente de literatura moralizante, por meio da utilização que fez Marie Lafarge de suas leituras da juventude. Sabe-se que esta última, que se suspeitava haver envenenado com arsênico o marido, foi presa em janeiro de 1840, julgada e condenada a trabalhos forçados, num processo de grande repercussão. Agraciada com o perdão, após mais de dez anos passados na prisão, ela morre nas semanas que se seguem à sua libertação, em 1852. Em suas *Mémoires* (1841-1842), redigidas na prisão para protestar sua inocência, ela se apresenta como uma heroína de romance, isto é, tal como boa parte da opinião pública já a percebia — adequação de duas imagens que, naturalmente, um dia agiria a seu favor. Sua demonstração toma emprestado o estereótipo da jovem de espírito romanesco, que ela pretende haver sido (e como boa parte da imprensa a apresentou), fazendo seu desafortunado destino passar pelas páginas dos romances que ela então devorava:

essa leitura [Walter Scott] me encantou, eu não estava mais só, minha imaginação encontrava amigos em Fergus [...] e Diana Vernon, a nobre e franca jovem que eu havia convertido em companheira de meus sonhos e irmã de meus pensamentos. À noite, antes de adormecer, eu a chamava junto a mim ou ia procurá-la [...]; ela me contava suas alegrias, seus gostos; ela me falava de seu coração, e eu sentia que, se um dia eu amasse, amaria como ela amava.¹⁶

Os romances de Walter Scott levaram-na, portanto, a criar para si um amor imaginário — “não era um homem, não era um anjo, era algo que devia me amar”, escrevia ela ainda —, que não resistiu à realidade da afeição prosaica manifesta pelo senhor Capelle em sua vida de casados. Marie Lafarge, que se tornou viúva Capelle, fazendo retrospectivamente seu o discurso moralizador, invocava largamente sua inaptidão para a vida conjugal, pela qual responsabilizava a forte influência que as leituras romanescas tiveram sobre ela, fazendo com que se perdesse em um universo quimérico, sem relação com a realidade. Defesa que a colocava como vítima e que tinha chances de ser ouvida por uma opinião pública sensibilizada para esse problema.

Educação sentimental rima com educação literária

O que é incontestável é que as leituras constituem uma questão de peso na formação das jovens: mal escolhidas, elas por certo podem perverter sua

¹⁶ Marie Lafarge, *Mémoires*, Paris, 1841–1842, 4 vol., t. 1, p. 120. Sobre o caso Lafarge, ver Jann Matlock, “Reading dangerously: The memoirs of the Devil and Madame Lafarge”, in *Scenes of Seduction*, chap. 8, New York, 1994, pp. 249–280.

inocência, o que explica os anátemas lançados contra uma certa literatura romanesca, assim como o controle estrito e incessante que as rege. Mas boas leituras — isto é, leituras que as mães e os pedagogos leigos ou eclesiásticos consideraram convenientes — permitem, ao contrário, perfazer a educação das moças, nelas inculcando, com o auxílio de exemplos, o que é certo e o que é errado, a conduta adequada e aquela que decididamente deve ser evitada.

É assim que a educação sentimental das jovens passa em muito pela intermediação de uma literatura específica, cujo objetivo principal é o de lhes ensinar a discernir o sentimento e o homem que permitem a verdadeira felicidade conjugal: “é preciso enfim, minha Flavie, que eu dirija, sem jamais os constranger, os movimentos de seu coração e que eu a guie na escolha de um marido”, anuncia assim Jean-Nicolas Bouilly, ao apresentar seus famosos *Conseils à ma fille*,¹⁷ que passarão pelas mãos de diversas gerações de moças e que são evocados em uma litografia de Jules-Joseph Bourdet, extraída de *Bêtises*.¹⁸ Nela se vê uma donzela que, com sua silhueta esguia, sob certos aspectos ainda lembra uma menininha. Tem certos atributos de menininha, como as calças sob o vestido, aliás provido de um avental, e invoca sua mãe por um “minha mamãe” [“*mamaman*”] que soa pueril. Mas diversos índices permitem pensar que essa quase jovem deseja deixar as margens da infância. Uma boneca, simbolicamente abandonada sobre a cadeira que a separa materialmente de sua mãe, revela um hiato psicológico perceptível na relação que ela parece manter com esta. Tal impressão é reforçada pelo diálogo que torna a imagem audível. Sem se afastar de uma atitude respeitosa, a jovem tenta, com efeito, obter da mãe alguma leitura, provavelmente romanesca, para escapar ao tédio que se adivinha profundo. Infelizmente, para ela, a resposta que lhe é dada é isenta de fantasia: os *Conseils à ma fille*, de Jean-Nicolas Bouilly, pertencem àquela literatura moralizante tão cara à burguesia para a condução de sua prole. O livro, espécie de manual educativo apresentado sob a forma de historietas assaz insípidas, conheceu grande sucesso no século XIX, a ponto de ser reeditado uma dezena de vezes, entre 1812 e

¹⁷ Jean-Nicolas Bouilly, *Conseils à ma fille*, Paris, 1812, 2 vol., t. 1, p. VII.

¹⁸ Jules-Joseph Bourdet, *Bêtises*, série de dezessete pranchas, publicada pela editora Aubert em 1837, n. 10, BNF-CE, doc. 221. É o seguinte o diálogo entre mãe e filha: “Minha mamãe [*Ma maman*], me dê alguma coisa para ler. — Minha filha, leia os conselhos a minha filha. — Mas, mamãe, eu os conheço; sempre *Bouilli* [jogo de palavras entre Bouilly, autor dos *Conseils...* e *bouilli*, cozido — N. de T.] é aborrecido. — Minha filha, enquanto você for moça, não terá outra coisa, seu marido lhe dará assado [*rôti*], se isso a ele convier.”

1878. Mas a jovem heroína parece haver esgotado os encantos dessa leitura edificante e o confia a sua mãe, por meio de um tímido protesto, recebido com uma recusa. Bourdet faz aqui uma caricatura da autoridade materna, que contraria o tímido desejo da filha, em nome dos usos sociais.

A mãe é guardiã de um saber livresco que recusa à sua filha (os livros ficam trancados numa biblioteca aberta para a ocasião — o lugar do pequeno volume, escondido à direita da poltrona pela mãe, é visível no início do segundo conjunto de prateleiras —, mas que se adivinha estar habitualmente fechada a chave). Ela desempenha plenamente seu papel, ao preservar a inocência da jovem, em prol de seu futuro marido. “Enquanto você for moça, não terá outra coisa, seu marido lhe dará assado, se isso a ele convier”: por essas poucas palavras, Bourdet lembra a vacuidade da educação das meninas e sua finalidade, ao mesmo tempo em que insiste no poder marital do esposo. Mas se ele formula críticas implícitas, é o personagem da mãe, caricaturada como madrasta obtusa e hipócrita, que cristaliza as antipatias do espectador. Paramentada com óculos sabiamente deselegantes, coroada com um touca ridiculamente ornada de fitas, ela reina com grande e pesada majestade e maneja um espírito grosseiro, como revela o jogo de palavras sobre “cozido” [*Bouilli*/*Bouilly*] e “assado” [*rôti*]. Pega em flagrante delito de duplicidade, ela dissimula com uma mão um livro sulfúreo (um romance), exibindo com a outra uma obra mais conveniente para os olhos de sua filha. A essa matrona rude e saciada pelo exercício de todas as suas prerrogativas maternas, Bourdet opõe uma “donzela principiante”, cuja magreza e cujo rosto melancólico acusam as frustrações e o período ingrato da pré-puberdade, “o estado de crisálida”, mais caro aos médicos do século XIX¹⁹ do que o pleno desenvolvimento da puberdade.

Se *Les conseils à ma fille*, de Bouilly, toma emprestada a forma narrativa de historietas edificantes, todos os gêneros literários — exceto o teatro, talvez — contribuem para educar o juízo das jovens: novelas, romances, poesia e imprensa especializada, a exemplo do *Journal des demoiselles*. As mulheres, que são as interlocutoras naturais das jovens, desempenham aqui um papel preponderante: aliás é apenas nesse domínio da literatura espiritual ou moralizante que a sociedade consente em legitimá-las enquanto mulheres autoras.²⁰ É o que se dá com Eulalie Favier, cuja obra de inspiração fortemente

¹⁹ Gabrielle Houbre, *La discipline de l'amour*, op. cit., pp. 154 e seguintes.

²⁰ Ver Christine Plante, *La petite sœur de Balzac. Essai sur la femme auteur*, Paris, 1989.

católica não podia desagradar às senhoras do Faubourg Saint-Germain ou da Chaussée d'Antin. Na epístola versificada a seguir, que interpela diretamente uma jovem, ela adota um tom decididamente pedagógico, para melhor esclarecê-la. Vale-se, aí, de sua experiência de mulher, que opõe à jovem inocência de sua leitora, e conjura-a a escutar antes os seus conselhos do que as falaciosas palavras dos homens, demasiado interessados em fazer-lhe a corte:

A uma jovem

Sei tudo, pois tua alma ainda é jovem e pura,
Vejo-te ora sorrir, ora enrubescer;
Viva felicidade tinge-te a doce figura,
E, quando ele entrou, pude teu suspiro compreender.
Pois bem! que esperas tu, ó jovem delicada?
Sua alma, seu amor, eis teus únicos bens!
Não o viste, então, em alegre quadrilha,
Seguir com os olhos passos que não eram os teus?
Se não o viste na multidão elegante
Guiar com destreza um corcel do deserto,
Se tampouco o viste na sala brilhante
Onde sons variados em harmonia se mesclam,
Não o conheces: aí seu coração se revela,
Traído pelo olhar, pelo gesto, pela voz;
Aí, no frívolo enxame que sorri e o chama,
Ele se vai, espalhando palavras cem vezes reditas.
Do amor, que faria ele? O amor chora em silêncio!
Não, não é o amor que seus votos solicitam;
Ele viu vinte rivais embriagarem-se de esperança:
Era preciso então te agradar, e vencê-los.
Criança, quão pouco és capaz de conhecer uma alma de homem!
Alma que teus dezesseis anos revestem de virtude!
Quanto a mim, conheço seu Deus: será preciso que o nomeie?
É de ouro que ele precisa, e tu, tens ouro?
E se não tens, que espera tua juventude?
Com que sonho insensato podes acalantar teu coração?
Crê em mim, o espírito insensível compreende pouco a ternura,
O poético amor, a tranqüila felicidade.
Oh! compadeço-me de ti! um dia a experiência amarga,
Ao infortúnio de tua escolha, acrescentará o arrependimento;
Uma vez destruído o encanto, não há sobre a terra
Bálsamo que cure uma triste lembrança.²¹

²¹ “Je sais tout, car ton âme est encore jeune et pure,| Je te vois tour à tour et sourire et rougir;| Un vif bonheur se peint sur ta douce figure,| Et quand il est entré, j’ai compris ton soupir.|| Eh bien! qu’espères-tu,

Esse poema articula-se em torno dos dois principais elementos que estruturam as relações entre os jovens de ambos os sexos, quando de sua entrada no mundo: o baile e o dote, promessa de casamento. Ele dramatiza a má escolha da desafortunada heroína, perdida por uma credulidade sonhadora, a fim de atingir o espírito de suas jovens leitoras.

Anaïs Ségalas, mais ainda do que Eulalie Favier, é uma das autoras mais representativas da literatura para moças. Ela está igualmente entre as que possuem as obras mais prolixas e mais lidas. Nascida em 1814 (ou 1819, segundo seus biógrafos), logo que atinge a idade núbil, aos quinze anos, casa-se com o advogado Victor Ségalas. Desde a publicação de sua primeira coletânea de poemas, *Les oiseaux de passage*, em 1837, adquire certa notoriedade nos salões da alta sociedade. Decididamente conservadora, tenta vigorosamente se distinguir dos sansimonistas, no prefácio que redige para uma outra coletânea de poemas, *La femme* (1848), ao declarar não querer pintar “uma escrava revoltada, que lança um grito de Spartacus ou de sansimonista.” E acrescenta:

Deus me preserve dessas idéias revolucionárias [...] não sou daquelas que transformam sua *écharpe* numa bandeira. Apresso-me em prevenir aqueles que me queiram ler que não tenho qualquer hemistíquio sansimonista, pelo qual possa ser recriminada, e que em nenhuma página então *La Marseillaise*.²²

Ela apresenta, inversamente, sua concepção do papel que tem “a” mulher, afirmando que esta

*légère jeune fille?! Son âme, son amour, ce sont là tes seuls biens!! Tu ne l'as donc point vu, dans un joyeux quadrille,| Suivre de l'oeil des pas qui n'étaient pas les tiens?!| Si tu ne l'as point vu dans la foule élégante| Guider avec adresse un coursier du désert,| Si tu ne l'as point vu dans la salle brillantel| Où des sons variés se mêlent en concert,|| Tu ne le connais pas: là son cœur se révèle,| Trahi par le regard et le geste et la voix;| Là, dans l'essaim léger qui sourit et l'appelle,| Il s'en va, colportant des mots redits cent fois.|| L'amour, qu'en ferait-il? l'amour pleure en silence!| Non, ce n'est point l'amour que demandent ses vœux;| Il a vu vingt rivaux s'enivrer d'espérance:| Il fallait donc te plaire et l'emporter sur eux.|| Enfant que tu sais peu connaître une âme d'homme!| Ame, que tes seize ans revêtent de vertu!| Moi, je connais son Dieu: faut-il que je le nomme?! C'est de l'or qu'il lui faut, et de l'or, en as-tu?!| Et si tu n'en as pas, qu'espère ta jeunesse?! De quel rêve insensé peux-tu bercer ton cœur?! Crois-moi, l'esprit blasé comprend peu la tendresse,| Le poétique amour, le tranquille bonheur.|| Oh! je te plains! un jour l'expérience amère| Au malheur de ton choix joindra le repentir;| Quand le charme est détruit il n'est pas sur la terre| De baume qui guérisse un triste souvenir.” Eulalie Favier, “A une jeune fille” (1835), *Espoirs et souvenir*, Paris, 1839, pp. 231-236.*

²² Anaïs Ségalas, *La Femme. Poésies*, Paris, Janet, 1848, p. 11.

tem por missão adoçar, purificar e, de alguma forma, espiritualizar esse mundo que o homem dirige, põe em movimento, torna mais poderoso e mais rico [...] Enxugar o sangue e as lágrimas, reprimir o vício, quebrar as correntes, destruir o espírito mercantil, para conduzir à poesia, eis a verdadeira reforma, à qual ela deve chegar, mas sem desordem e sem gritos de liberdade: com suas afeições de esposa e mãe, com sua influência de mulher da sociedade, ela pode elevar esta última, e a alavanca tomará como ponto de apoio a casa de família e o salão.²³

Sabe-se, aliás, que Anaïs Ségalas foi hostil à revolução de 1848 e que saudou com entusiasmo o advento do Segundo Império. Ela morre em 1895, havendo deixado uma obra rica em poemas, relatos, contos, folhetins — publicados principalmente em *Le Constitutionnel* e *La Patrie* —, assim como peças de teatro encenadas no Odéon ou na Porte Saint-Martin.²⁴

Quando se dirige às jovens, Anaïs Ségalas esforça-se para convencê-las a romper com suas inclinações. Tirando partido, num primeiro tempo, de uma suposta cumplicidade feminina, ela opta por um diálogo ágil entre duas ex-amigas de pensionato, recentemente casadas:

Berthe:

Você! é você!...Veja, seus grandes olhos de veludo...
Você ainda se lembra do nosso pensionato?
Na sala de bancos compridos, faziam-nos compreender
A história e a moral; no jardim, sonhando,
Adivinhávamos o amor: o coração é um sábio
Que tudo conhece, sem nada aprender.
Nossos espíritos esboçavam dois noivos, ambos
Belos como Romeu, ambos apaixonados
Como o foi Roland, nos tempos de Carlos Magno.
O doce devaneio ia alçando vôo,
E situávamos nossos reis sob os pórticos de ouro
De todos os nossos castelos na Espanha.
Seu marido é seu herói de romance?
Um terno Saint—Preux? Um orgulhoso Castelhana,
De adaga em punho para proteger sua dama?
Um Napolitano trazendo nos olhos
Um pouco de seu sol ardente e radiante,
Um pouco de seu vulcão na alma?

²³ Id., *ibid.*, pp. 12 e 16.

²⁴ Ver Eugène de Mirecourt, *Anaïs Ségalas*, Paris, 1871.

Claire:

Era um homem rico. O escrínio era esplêndido de se ver,
O marido frio, sem amor, e zombando de meus poetas:
Nossos Romeus banqueiros não têm Julietas!
Casaram nossos bens, uniram duas caixinhas de jóias,
Como se tomassem o altar por um balcão [...] ²⁵

O poema, muito didático, torna-se sombrio à medida que compara o infortúnio de Claire, que se casou com um “Don Juan aposentado”:

Ele quis me comprar, e surgiu em meu caminho
Com mármore no coração e ouro nas mãos [...]
Após macular sua bela primavera rubra,
Mesclar ardores de amor e de ponche na orgia,
Errar nos bastidores, cantando a elegia, □
Sob o teto conjugal, sombrio se refugia,
Como sob uma tenda abrigando do sol. [...]
É um ser vivo do passado, eu vivo no presente;
Venho desabrochar nesse coração pleno de tédio,
Tal hera sobre ruínas. ²⁶

e a felicidade de Berthe, que encontrou uma “alma” em seu marido:

Meu jovem esposo, veja, é meu amigo fiel.
O guia bem-amado que segura minha mão frágil.
Ele tem o braço de um pai e os olhos de um amante. ²⁷

²⁵ [Berthe:] *Toi! c'est toi!...Voilà bien tes grands yeux de velours...! De notre pension te souviens-tu toujours?! Dans la classe aux longs bancs on nous faisait comprendre! L'histoire et la morale; au jardin, en rêvant,! Nous devinions l'amour: le cœur est un savant! Qui connaît tout sans rien apprendre.!! Nos esprits ébauchaient deux fiancés, tous deux! Beaux comme Roméo, tous les deux amoureux! Comme le fut Roland au temps de Charlemagne.! La douce rêverie allait prenant l'essor;! Et nous placions nos rois sous les portiques d'or! De tous nos châteaux en Espagne.! Ton époux est-il ton héros de roman?! Est-ce un tendre Saint-Preux? Est-ce un fier Castillan,! Tenant la dague au poing pour défendre sa dame?! Est-ce un Napolitain apportant dans ses yeux!Un peu de son soleil brûlant et radieux,! Un peu de son volcan dans l'âme?! [Claire:] *C'était un riche. L'écrin était splendide à voir,! L'époux froid, sans amour, et raillant mes poètes;! Nos Roméos banquiers n'ont pas de Juliette!! On maria nos biens, on unit deux cassettes,! Comme si l'on prenait l'autel pour un comptoir [...].* Anaïs Ségalas, “Les deux mariages”, *La femme. Poésies*, Paris, 1847, pp. 123-130. Ver também Anaïs Ségalas, “La jeune fille”, *La femme. Poésies*, op. cit., pp. 101-108.*

²⁶ *Il voulut m'acheter, et vint sur mon chemin! Du marbre dans le cœur et de l'or dans la main (...)! Après avoir souillé son beau printemps vermeil,! Mêlé des feux d'amour et de punch dans l'orgie,! Erré dans la coulisse en chantant l'élegie,! Sous le toit conjugal, morne il se réfugie,! Comme sous une tente abritant du soleil. (...)! C'est un vivant d'hier, moi je vis aujourd'hui;! Je viens m'épanouir sur ce cœur plein d'ennui,! Comme un lierre sur des ruines.*

²⁷ *Mon jeune époux, vois-tu, c'est mon ami fidèle.! Le guide bien-aimé qui soutient ma main frêle.! Il a le bras d'un père et les yeux d'un amant.*

De maneira muito mais fundamentada do que Eulalie Favier, Anaïs Ségalas previne as jovens contra os casamentos por interesse (e as uniões com homens muito mais velhos, então ainda freqüentes, sobretudo nas maiores famílias), que ferem a vontade divina. Ao contrário, ela faz a felicidade conjugal de Berthe repousar, não sobre as vantagens de fortuna que pode trazer o homem aprovado, mas sobre sua qualidade moral (“poderei apoiar-me, se a estrada for ruim / Em sua alma de ferro e em seu coração de fogo!”), que, não sem habilidade, ela todavia paramenta com as seduções próprias ao amante, mais atraentes, ao admitir um pouco do vocabulário romântico (“olhos de um amante”, “coração de fogo”).

Certamente, para Anaïs Ségalas, assim como para a maioria dos autores católicos lidos por moças, a figura de Madalena está bem no centro de suas considerações poéticas, espirituais e filosóficas: os chamados à submissão divina e às exigências dos deveres da mulher cristã são aí lancinantes, mas o que vale para a jovem, *a fortiori* vale também para a mãe. E é esta última que é antes de tudo questionada por Anaïs Ségalas, a mãe que provoca o desaparecimento da filha, incapaz de suportar o desastre conjugal: “Claire havia morrido. Ai! seus grilhões reluzentes,/ De ouro e de ferro, quebravam-na aos vinte anos;/ Pois a escrava era fraca e pesada a corrente!”. Os últimos versos, que caem no melodrama, acusam a fatal incoseqüência materna, que sacrificou o amor em prol da fortuna:

E a mãe chorou sua pobre criança cândida,
Cujo hímen sem amor foi um claustro esplêndido,
E que um dia, imolando-a ao luzir de um tesouro,
Ela havia casado no templo do Bezerro de Ouro.

A questão das uniões que não combinam, as quais condenam as jovens esposas a uma existência desafortunada, é claramente posta desde a Restauração pela condessa de Rémusat, em seu *Essai sur l'éducation des femmes* (1824). Mas é sobretudo na década que se segue à Revolução de Julho que o debate se amplia. Além de protestos civilizados formulados por algumas mulheres da alta sociedade de idéias progressistas, doravante são ouvidas, coletiva ou individualmente, verdadeiras reivindicações emancipadoras.²⁸

²⁸ Ver o trabalho antigo, mas ainda indispensável, de Marguerite Thibert, *Le féminisme dans le socialisme français de 1830 a 1850*, Paris, 1926; e também Michèle Riot-Sarcey, *La démocratie à l'épreuve des femmes 1830-1848*, Paris, 1994.

Em 1837, a sansimonista Louise Dauriat, que já tinha dado o que falar quando seu *Cours d'histoire religieuse et universel* (1828) fora fechado pelo prefeito, em razão de seu “liberalismo” exagerado, tenta alertar as instâncias políticas do reino sobre a sorte injusta reservada às mulheres na sociedade. Ela dirige, então, uma audaciosa *Demande en révision du Code civil*²⁹ à Câmara dos deputados, depois à Câmara dos Pares — pedido este que tanto uma como outra se recusam a pôr na ordem do dia —, na qual detalha todos os artigos que lhe parecem introduzir discriminação insuportável em relação às mulheres, particularmente aqueles que instituem a tutela marital.³⁰ Os casamentos por puro interesse, que por vezes entregam meninas muito jovens a homens trinta ou quarenta anos mais velhos do que elas, são desaprovados cada vez mais abertamente. Os discípulos do sansimonismo ou do fourierismo — mulheres e homens — denunciam o caráter mercantil do casamento e preconizam, no caso de alguns deles, o abandono do sistema do dote, de modo a favorecer os casamentos por inclinação. As tomadas de posição de George Sand a favor de uma reforma dos costumes e das leis matrimoniais, se já afloravam em alguns de seus primeiros romances, como *Indiana* (1832), *Valentine* (1832), *Le Secrétaire intime* (1834), *André* (1834) ou *Simon* (1835), são reforçadas ainda nas *Lettres à Marcie* (1837), onde a destinatária fictícia das cartas não consegue encontrar um marido, por falta de um dote convincente.³¹

Cada vez mais, entre os pedagogos e os moralistas, há a preocupação de reservar algumas chances de êxito conjugal para a futura esposa, prevenindo-a contra os homens de hábitos dissolutos. É animada dessa intenção que Alida de Savignac, que dirige a “Revue littéraire” do *Journal des demoiselles*, apresenta a suas jovens leitoras a *Correspondance de Mme. Campan et de la reine Hortense*,³² em sua rubrica de outubro de 1834. Em seu artigo, ela erige em modelo a relação que se instalara entre Mme. Campan — a educadora — e Hortense de Beauharnais — sua aluna — e incita suas leitoras, as meninas, mas também as mães, a imitá-la. A passagem extraída do livro para ilustrar suas afirmações é justamente consagrada à escolha dos esposos. Mme.

²⁹ Em português: Pedido de revisão do Código civil [N. de T.].

³⁰ Louise Dauriat, *Demande en révision du Code civil adressée à MM. les membres de la Chambre des Députés*, Paris, 1837.

³¹ Cf. Kristina Wingard Vareille, *Socialité, sexualité et les impasses de l'histoire*, Acta universitatis upsaliensis, Uppsala, 1987, p. 394; também Pierre Vermeylen, *Les idées politiques et sociales de George Sand*, l'université de Bruxelles, 1984, p. 36.

³² Em português, *Correspondência de Mme. Campan e da rainha Hortense* [N. da T.]

Campan aí convida sua aluna a “estudar” seu futuro marido junto com sua mãe, a descobrir se ele sabe “conduzir-se na sociedade”, se “sabe aprazer-se e ocupar-se em seu interior” e se tem “ordem ao dispor de sua fortuna”. E vem ainda de Mme. Campan a afirmação de que, caso a jovem se decepcionasse com o resultado de suas investigações, estaria no direito de contestar a escolha materna.³³ Ensina-se assim às meninas a desconfiar do amor, ao mesmo tempo que dos homens, e as mães transmitem a suas filhas as mesmas advertências que Mme. Campan havia formulado em sua época para Hortense de Beauharnais; após lhe haver feito observar que a “ilusão do amor” passava e que o marido permanecia “tal como ele é”, ela dava o conselho que muitas jovens receberão durante todo o século XIX: “primeiro estime, depois você amará, e para sempre”.³⁴ Marie d’Agoult confirma, em seus *Souvenirs*, que era habitual as moças conjugarem o verbo amar no futuro: “a jovem não ama, ela o sente muito bem, mas amará, sua mãe lhe diz: uma jovem bem nascida sempre ama o homem com quem se casa; tal é também o parecer do confessor”.³⁵ Suspeita-se, ainda, de que as meninas estejam bastante sob a ascendência da literatura romântica para querer “amar” um eventual pretendente. O mérito materno é, então, combater essa tendência e persuadir sua filha de que o sentimento marital deve antes de tudo assegurar um equilíbrio conjugal, familiar e social. Mais uma vez, ela pode encontrar aliados eficazes junto à literatura edificante. A seguinte quadra de Elisa Mercoeur, que emocionou os bairros elegantes por sua breve e dolorosa existência e se impôs como uma figura eminente da poesia católica,³⁶ é perfeitamente representativa do discurso depreciativo dirigido ao amor:

O amor

Risonha ou penosa mentira,
Da razão, sono fatal;

³³ Citado por Christine Leger-Paturneau, *Le journal des demoiselles et l’éducation des filles sous la monarchie de Juillet*, tese de doutorado sob orientação de Jacques Seebacher, Paris VII, 1989, t. 1, p. 153.

³⁴ Id., *ibid.*, p. 154.

³⁵ Marie d’Agoult, *Mes souvenirs*, *op. cit.*, p. 213.

³⁶ Filha natural (seu pai seria advogado), ela é abandonada três dias após seu nascimento na porta do Asilo de órfãos de Nantes (em 1809). Sua mãe, Mlle. Adélaïde Aumand, recupera-a em 1811. Ela morre em 1835, aos 25 anos, de uma enfermidade do peito talvez decorrente de uma tentativa de suicídio com carvão.

O amor não raro é apenas um sonho,
Do qual a velhice é o despertar.³⁷

As moças aprendem então a entrar em acordo com o amor, assim como com os outros sentimentos; furtar-se a essa submissão do íntimo e seguir as inclinações de seu coração é romper com um mundo, cujas prioridades não se reconhecem mais e sofrer o opróbrio que acompanha as meninas seduzidas:

Oh! infeliz mulher a de paixões fatais,
Invisíveis chamas, onde se é devorado!
Nossas almas sem remorsos, ardentes, virginais,
Só devem assemelhar-se às luzes das vestais,
Em que apenas ardia um fogão casto e sagrado.

declama, assim, Anaïs Ségalas, em seu epitalâmio “Os dois casamentos”.³⁸

As autoridades educacionais, inquietas por dominar o mundo interior das moças, utilizam, então, uma literatura pedagógica e ideologizada para se contrapor aos supostos efeitos perniciosos, maléficos, das obras romanescas — de tom romântico ou pseudo-romântico — proibidas. É todavia difícil avaliar a eficácia desse dispositivo sobre jovens indubitavelmente sensíveis às escapatórias afetivas virtuais oferecidas pela literatura proibida. Literatura esta que permitia igualmente que elas se entregassem aos mesmos encantos da transgressão que tanto perturbavam a virtuosa Eugénie de Guérin: “*Notre-Dame de Paris*, que tenho nas mãos cem vezes por dia, esse estilo, essa Esmeralda e sua pequena cabra, tantas coisas belas me tentam, me dizem: ‘Leia, veja’. Olho, folheio, mas sou detida por máculas aqui e ali; chega de leitura, e contento-me em olhar as imagens.”³⁹

[Recebido para publicação em setembro de 1998]

³⁷ Esse poema foi escrito em 1827. *Riant ou pénible mensonge, / De la raison fatal sommeil; / L'amour n'est bien souvent qu'un songe, / Dont la vieillesse est le réveil*. Elisa Mercoeur, *Œuvres complètes*, s/l 1, 1843, t. 1, p. 95.

³⁸ *Oh! malheur à la femme aux passions fatales, / Invisibles bûchers où l'on meurt dévoré! / Nos âmes sans remords, ardentes, virginales, / Ne doivent ressembler qu'aux lampes des vestales, / Où ne brûlait jamais qu'un feu chaste et sacré*. Anaïs Ségalas, “Les deux mariages”, *La femme*. Poésies, op. cit., p. 129.

³⁹ Eugénie de Guérin, *Journal*, 9 fev. 1838, Albi, 1934, p. 117.